

# Áfricas Contemporâneas

Elena  
**BRUGIONI**

Joana  
**PASSOS**

Andreia  
**SARABANDO**

Marie-Manuelle  
**SILVA**

Contemporary  
Africas

**LEMS**





## ENTREVISTA COM LUANDINO VIEIRA

Joana Passos

*Em primeiro lugar, quero agradecer a delicadeza do Luandino ao ceder-me algum do seu tempo para responder a esta entrevista, que ocorre na sequência da sua participação na conferência Contemporary África(s). Recordemos então algumas das questões debatidas, que serão o nosso ponto de partida para conhecer um pouco melhor a sua obra e a sua visão da literatura.*

*Várias vezes o ouvi sublinhar a importância da história e da necessidade de um povo ter consciência da sua história. Aliás, esta posição era partilhada pela Ana Paula Tavares, e ambos consideravam a história material fundamental para a literatura contemporânea de Angola. Tendo em conta que os seus livros revisitam a guerrilha da luta pela independência (por exemplo O Livro dos Guerrilheiros ou O Livro dos Rios), e que retratam a organização da resistência em Luanda (revivida em Nós, os do Makulusu), é inegável a relação entre a sua visão da literatura e uma certa crónica da história. Por conseguinte, qual a importância da história na temática da sua escrita?*

Luandino Vieira: Em primeiro lugar, eu acho que a história é sempre importante para qualquer escritor, por muito que ele ficione, e por muito que ele se distancie daquilo a que se chama realidade para elaborar universos ficcionais, que aparentemente não têm nada a ver com a história. Eu não acredito que a humanidade possa viver fora da história. No caso de

Angola e dos Angolanos ainda com maior pertinência, porque por um lado, durante o período da ocupação, da conquista, do colonialismo, e mesmo depois, houve sempre a tentação de apagar a história do território e a história das pessoas que aí viviam, e mesmo existindo uma vasta documentação relativa a essa história, essa documentação não está ao alcance dos angolanos, está espalhada por arquivos na Holanda, em Portugal, na Santa Sé, etc... portanto, a parte da história de Angola que corresponde à ocupação, à conquista, ao colonialismo e às lutas de resistência que se iniciaram... não é bem conhecida, ou melhor, nem sequer é conhecida. Nós, angolanos, ficamos muito perplexos, por exemplo, quando um historiador como o Pélissier apresentou o seu grande estudo sobre as guerras em Angola.<sup>1</sup> Porque ele teve acesso, procurou as pistas, e demonstrou que desde o primeiro dia em que os europeus chegaram àquele território tinham começado guerras de resistência que duraram até 1945. Porque aquilo a que se chama luta de libertação nacional não foi mais do que o culminar de todas as revoltas populares que já tinham ocorrido. Assim, e tendo em conta a importância deste conhecimento do passado nos dias de hoje, a literatura angolana fatalmente está ancorada na história. Por outro lado, alguns dos autores que escrevem a literatura moderna de Angola, eles próprios participaram numa fase da história de Angola que é mais visível e conhecida, e torna-se imprescindível, se quisermos construir uma ficção que tenha como contexto o que se chama Angola, e de um ponto de vista que inclua esse conceito que se criou/gestou nos anos quarenta, de angolanidade, é imprescindível conhecer a história, ou privilegiar o conhecimento histórico, ou inventar a história como quadro para a ficção.

*Então, a par da história e da literatura, poderíamos colocar um conceito como “identidade”, ou melhor “identidade colectiva”.*

Luandino Vieira: O conhecimento dessa identidade ou dessas identidades não é possível sem o conhecimento histórico, nem que seja aquilo que os avós nos contam, ou aquilo que vivemos.

*Mas, em relação à história que é uma ciência, rigorosa, o apelo da literatura é afectivo.*

---

<sup>1</sup> Pélissier, René (1997), *História das Campanhas de Angola – Resistência e Revoltas 1845-1941*, Lisboa, Editorial Estampa.

Luandino Vieira: Pretende-se que a história seja assim, rigorosa, mas a história é uma outra forma de ficção, pois a história é escrita por humanos. No entanto, a escrita ficcional não obedece a pressupostos históricos, nem se pretende deixar a história de Angola acrescentada ou diminuída. A parte histórica é ditada pelo peso que a realidade, ou a visão que eu tenho da realidade objectiva, tem na minha ficção. Não sou capaz de efabular fora de um quadro histórico, porque também não fui capaz de viver a minha própria vida e a minha experiência fora de um quadro histórico.

*Um dia contou-me que se bateu para evitar a construção de determinado edifício em Luanda, e mais tarde, quando pensaram demoli-lo, viu-se na posição de se bater pela sua defesa. Não será este o caminho que aqueles que fazem a história das literaturas africanas têm de fazer? No sentido em que as modernas literaturas africanas, escritas, com excepção das literaturas árabes ou daquelas em qualquer outra escrita autóctone, como por exemplo a da Etiópia, cresceram em contraponto com uma literatura colonial que de certa forma as circundava, pelo menos na sua fase inicial. Mais tarde, dentro do movimento de afirmação identitária da luta de libertação muitos destes primeiros autores foram marginalizados ou suprimidos, por serem da fase colonial...*

Luandino Vieira: No meu caso particular, eu vivi muitos anos, muito tempo, o que dá, em períodos de grande aceleração da história, a possibilidade de dizermos sim e não à mesma coisa. Levantei contra a construção de determinado edifício – que nós achávamos que era de um estilo mais do que ultrapassado, uma coisa neoclássica, com uns detalhes quase barrocos, quando o que nós queríamos era ferro, alumínio e vidro – e quarenta ou cinquenta anos depois tive de me bater para que não destruíssem aquilo, porque aquilo era realmente uma belíssima obra dentro daquele estilo e já se tinha tornado património nacional, e o último argumento foi que quem construiu aquilo foram os angolanos, o arquitecto pode ter sido A ou B, os engenheiros C, D e F, os materiais podem ter vindo do estrangeiro, mas a força de trabalho, quem fez aquele edifício, foi o povo de Angola. Esse mesmo povo teria legitimidade para o deitar abaixo, mas não faz sentido destruir o que as gerações anteriores fizeram com o seu trabalho. E assim ficou. Quanto à questão das gerações literárias, toda a geração, grupo ou época literária, de um modo geral, para construir qualquer coisa tem de destruir o que foi feito anteriormente. Quando essa geração age num contexto muito claro e muito determinado como o foi o pós Segunda Guerra

mundial, com um quadro de referência muito claro que foi a luta de libertação, obviamente que a noção do que valia a pena canonizar se tornou muito estreita. Depois da vitória dessa luta, o valor do que estava em jogo fez com que essas questões fossem reavivadas e se tornassem objecto de novas leituras, ao ponto de muito do que antes era posto de lado apenas com um rótulo, voltasse a ser reavaliado em função das novas conquistas teóricas que a nação independente fez, porque limitar a literatura angolana ao que se fez depois de 1948 é uma questão puramente arbitrária. Porquê 48 e não 58? E porque não 38? As questões literárias não se resolvem meramente com datas ou rótulos: literatura colonial, literatura anticolonial, literatura pós-colonial, literatura pré-colonial, literatura pré-angolana...

*Os rótulos são úteis como plataforma de diálogo, e também em termos pedagógicos.*

Luandino Vieira: As questões metodológicas são necessárias, mas devem ser apagadas depois de o trabalho estar feito. E o que está nos arquivos? Todos nós começamos por ler com espanto uma obra publicada pela Agência Geral do Ultramar, *A História Geral das Guerras Angolanas*<sup>2</sup> e que nos levou a levantar algumas questões. Quem escrevia assim no século XVII? Não tem essa escrita sinais do que consideramos hoje a angolanidade? Tem. Essa questão (de quem faz parte da história literária) nunca vai estar terminada. É também uma questão ideológica, que se une à teoria da literatura, e é também uma questão política... à medida que a nação se for consolidando, as pessoas vão perguntar “porque discutem uma coisa tão clara?” É o que eu penso.

*E a questão da tensão entre literatura de combate e literatura? Será uma questão de tempo até se fazer uma selecção pela qualidade de escrita? E mesmo assim não terá lugar nos estudos dos jovens angolanos uma amostra dessa poesia de combate?*

Luandino Vieira: Acho que sim. Que é um questão de tempo é. Todos sabemos que o tempo é o grande...

*Escultor...*

<sup>2</sup> Cadornega, António Oliveira de (1680), *História Geral das Guerras Angolanas*, anotado e corrigido por Delgado, José Matias (1972), Lisboa, Agência Geral do Ultramar.

Luandino Vieira: (Risos) Isso ainda é elogiar o tempo. O tempo é o grande recolhedor de lixo, que anda de noite, a apanhar tudo, e nem sabe o que é que leva; mas o tempo irá ajudar nessa distinção da literatura de combate, que era literatura feita expressamente pelos seus autores com um fim político. Se os autores tinham na verdade algum talento, esse talento ficava expresso, e passada a urgência da época, se algum talento havia na construção literária, esse talento está lá. E se está lá, deve ser avaliado e reavaliado... e incluído ou não...

Quanto aos estudos académicos, devem tomar por objecto tudo o que for relevante... tudo o que ajuda a manter vivo um sistema literário, que se revitaliza ao ser problematizado.

*Quando escreve, o Luandino tem também em mente um público que não é só o angolano? Repare, é muito estimado em Portugal, mas por vezes também é incompreendido... Como vê a necessidade de os portugueses lerem literaturas africanas para se compreenderem melhor a si próprios?*

Luandino Vieira: Dada a profunda interconexão entre a história dos dois países, entre a história de Portugal e a história de Angola, que foi profunda, longa e muito, muito importante, acho que não sofre contestação dizer-se que a leitura da literatura angolana ajuda os leitores portugueses a compreenderem um pouco melhor o que foi a relação entre Portugal e o território de Angola, como Portugal ajudou e não ajudou à formação daquela nação, etc... Não vejo que essa relação possa ser trocada por nenhuma outra. Mesmo a relação Portugal – Brasil, que é uma relação que já está mais clarificada, estratificada, que já está mais digerida por ambas as partes, não sei se no sentido de um afastamento dos dois universos, se de aproximação – ainda ontem li que o Dário Castro Alves se considerava bi-cidadão de Portugal e do Brasil – deve ser mais conhecida. Mas não tenho dúvidas que tal como os escritores da minha geração puderam entrar num movimento político, num movimento cultural, e mesmo no movimento da luta de libertação com conhecimento histórico de Portugal – pois nós estudamos a história de Portugal, e ainda hoje, os escritores da minha geração e da seguinte, sabem a história de Portugal às vezes de uma maneira, como me dou conta, não digo mais profunda, mas com mais pormenores do que os interlocutores portugueses, porque nos ensinavam a história de uma maneira quase mnemónica (risos) – outras gerações devem ter esse conhecimento, acho que é fundamental.

*Vou fazer-lhe uma pergunta um pouco pessoal. Quando lhe foi atribuído o Grande Prémio de Novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores, em 1965, como reagiu?*

Luandino Vieira – Eu estava no Tarrafal e não soube logo... repare, nós sabemos muito bem que durante os anos quarenta, cinquenta, sessenta havia em Portugal, houve sempre, uma identidade de interesses e propósitos entre, e isto dito de uma maneira geral, genérica, entre a oposição portuguesa e o movimento de libertação. Essa consciência temos todos, dessa sintonia até à independência, mais, hoje em dia (e foi o Mia Couto que no outro dia tocou essa corda) falam muito da descolonização e de Portugal, mas a descolonização começou a ser feita muito antes disso a que se chama o terceiro “D” da revolução do 25 de Abril<sup>3</sup>. Os capitães de Abril só deram seguimento a algo que já vinha de trás, da aliança das forças democráticas e das forças anti-ditadura. E os militantes da luta de libertação e a oposição portuguesa correspondiam-se... olhe por exemplo, no domínio da literatura, em Angola nós recebemos toda a colecção dos *Cadernos de Poesia*<sup>4</sup>, a colecção do *Novo Cancioneiro*<sup>5</sup>, tudo quanto o movimento neo-realista produziu de melhor chegava imediatamente a Luanda. Nós tínhamos acesso a esses livros. E em Moçambique, os escritores e intelectuais do tempo relacionavam-se com portugueses que tinham sido degredados para Moçambique, que estavam lá, e tinham contactos no Brasil...

*Agora vou falar um pouco de questões de género e modo, questões mais formais. A par da narrativa, onde maioritariamente se enquadra a sua escrita, está sempre presente a poesia. Sentiu que de alguma forma a poesia não era tão plástica para tratar as temáticas de forte pendor social e político que costuma abordar? Por outro lado, a sua narrativa tem sempre uma sensibilidade lírica. Para mim é poesia... por exemplo, quando eu leio O Livro dos Guerrilheiros e O Livro dos Rios, este último é o contraponto poético de O Livro dos Guerrilheiros. Lembra-se que experimentámos ler um trecho*

<sup>3</sup> Os três principais objectivos da Revolução dos Cravos de 25 de Abril de 1974 seriam “Democratizar, Desenvolver, Descolonizar”, de acordo com o programa da Junta de Salvação Nacional que então assumiu o governo.

<sup>4</sup> Revista editada em Lisboa, colaboradores vários, três séries, 1940-1942.

<sup>5</sup> *Novo Cancioneiro*: colecção de poemas publicada em 1941 por um grupo de jovens poetas: Fernando Namora, Mário Dionísio, João José Cachofel, Joaquim Namorado, Álvaro Feijó, Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira, Sidónio Muralha, Francisco José Tenreiro, Políbio Gomes dos Santos. Podemos enquadrar os 10 volumes da colecção do *Novo Cancioneiro* no movimento neo-realista, que se afirmou em rotura com padrões modernistas.



*narrativo como poesia, em Braga, e o público aderiu, funcionou como poesia! Como gere esta omnipresença da poesia na sua narrativa e, apesar desse forte pendor poético, o que é que o faz identificar-se mais com o modo narrativo?*

Luandino Vieira: (Risos) Como é que eu posso responder de uma maneira simples? Eu formei-me na narrativa, no romance. Desde muito novo que lia, lia muito, e o grande *corpus* que lia era romance, novela, contos, os grandes escritores, e muito menos a poesia, mas... o desenvolvimento do meu trabalho literário no sentido da prosa e da narrativa deve-se a esse facto, mas eu pessoalmente sou uma pessoa com uma visão do mundo que quando não é poética, tendo sempre a poetizá-la, ou a ver as coisas de uma maneira lírica. Há aí uma questão de temperamento...

*De sensibilidade pessoal...*

Luandino Vieira – De sensibilidade pessoal, e depois... o trabalho com a prosa, a narrativa... é também a influência de Fernão Lopes, do Padre António Vieira, para referir autores que me marcaram na língua portuguesa. E os meus professores deram-me um conhecimento afectivo da língua portuguesa, que me faz estar muito à-vontade quando estou a escrever, e aí, se calhar, o meu modo poético de ver o mundo sobressai.

Por outro lado, quando a prosa que escrevia deixou de estar dependente da urgência de atender a questões de combate, o que ficou foi o lastro mais literário, mais poético e que efectivamente marca a prosa que escrevo nos últimos tempos. Também porque já não fazia sentido escrever de um modo realista, cru. Porque, o que eu pretendia, e sei que não consegui, era elevar um pouco a narrativa daquela fase, relativa àqueles factos e personagens, da narrativa, do romance, para a épica, e uma das muletas para essa passagem foi deixar transbordar a parte mais poética do real e do imaginário.

*Então e a questão do bilinguismo, a presença do quimbundo na sua escrita?*

Luandino Vieira – Essa é a questão da língua ou da linguagem que eu emprego para escrever. O quimbundo ajudou-me a ser mais conciso, mas também muito mais atento ao ritmo e à musicalidade da língua.

*Esse bilinguismo não reproduz a tal bi-cidadania, o estar entre dois mundos e os dois mundos terem de ser expressos?*

Luandino Vieira – Podia ser isso se eu visse essa questão de um ponto de vista pessoal, mas não é. É uma situação histórica, pelo menos da minha geração, das anteriores... e hoje continua a verificar-se essa situação. As pessoas têm como língua materna uma língua, e como língua segunda, uma outra língua, e ambas são línguas de comunicação e são usadas cada uma no seu contexto e isso faz a riqueza da linguagem literária angolana.

*Sabe da minha identificação com os estudos feministas. Qual o lugar das mulheres na sua escrita e que causas e símbolos costuma deixar nas suas mãos?*

Luandino Vieira: Infelizmente eu não vou ter tempo de vida para escrever o romance que eu ando para escrever desde 1970, que é um romance, ou um conjunto de narrativas, que façam justiça à situação da mulher angolana. Porque desde sempre, a mulher angolana é a personagem central naquele território, quer sejam as lutas sociais, quer sejam as lutas humanas do dia-a-dia, ou mesmo a luta de libertação onde participaram de armas na mão. Para já foram elas as que transmitiram de geração em geração os valores que ficaram como cultura tradicional angolana, o fundo das culturas nacionais angolanas; e depois porque no período que corresponde à maior parte da minha vida, eu vi claramente que eram elas as personagens determinantes, não estando à boca de cena, nem estando sequer a representar os papéis de maior protagonismo, mas eram elas, sempre, factor decisivo, o que se tornou mais claro em tempos de paz, e que se traduziu por exemplo, nas últimas eleições, na percentagem de voto feminino, que não é só atribuível à questão demográfica (embora depois de quarenta anos de guerra acredite que existem mais mulheres do que homens em Angola). A participação massiva, que se pensa ser oitenta por cento de voto feminino no MPLA, é algo que deve deixar as pessoas a pensar. Sobretudo quando depois se vê na prática a não expressão dessa presença. Não é que os nossos órgãos de soberania não tenham uma representação feminina mais do que visível, e se calhar em comparação com muitos outros países, muito acima da média. O que não se vê é uma acção tendente a reconstruir o país com base nas necessidades dessas mulheres, e que foi a razão pela qual aguentaram tudo: ao nível da educação, da saúde, habitação, alimentação. Estas coisas que são básicas e que foram as mulheres que as garantiram durante todo o tempo da guerra, estão agora a ter expressão nos programas políticos, mas não me parece que a resposta esteja à altura do papel que as mulheres tiveram e têm

na sociedade angolana. Não é por se votar uma lei muito avançada contra a violência doméstica que...

*Até porque vai uma distância abismal entre as leis que se publicam e as práticas ao nível da aldeia.*

Luandino Vieira: Isso faz parte da realidade, mesmo num país que não tivesse grandes assimetrias sociais, quanto mais numa sociedade que vive realidades complicadas...

*Cada vez mais as literaturas africanas em língua portuguesa, inglesa ou francesa são lidas e estudadas na Europa. Como vê esta mutação na posição do escritor africano como alguém que faz parte dos sistemas literários que circulam na Europa? Eu não digo que são europeus. Eu digo que circulam na Europa, que são consumidos, lidos, estudados e aí reconhecidos. E, segunda questão, como se posicionará o escritor que é enquadrado como o porta-voz de uma comunidade emigrante residente? Falo, por exemplo, de Balck Literature em Inglaterra, ou da posição de Joaquim Arena em relação à comunidade emigrante cabo-verdiana em Portugal. Ambas as questões remetem para a crescente visibilidade do escritor africano, que é ouvido na Europa.*

Luandino Vieira: Isso é um dado, de facto, que eu só atribuo ao movimento da chamada globalização, que toca a tudo e a todos. No mundo da língua portuguesa, acho que os sistemas editoriais e académicos dos países de onde esses escritores são originários não estão suficientemente desenvolvidos em relação ao porte dos autores que já têm. Por outro lado, na Europa, penso que num mundo globalizado, tudo o que possa servir o mercado de consumo é usado.

*Não acha que estes autores têm um papel antiglobalização? Pela afirmação do humanismo, pela afirmação de outras culturas?*

Luandino Vieira: Ah sim, do ponto de vista do contraditório, de um regionalismo, de um localismo, mas é dessas contradições que se faz o sistema todo, e o mercado é igual e homogéneo em todo o mundo. Um livro quando sai, sai logo em várias línguas.

*Mas acha que o mercado mata o poder interventivo do livro?*

Luandino Vieira: Não! Isso não, aliás o mercado não ia matar a galinha dos ovos de ouro. O mercado permite que um autor circule mais, que se torne mais conhecido, que cada vez haja mais expressão, mais edição, e que os sistemas literários se inter-cruzem e influenciem. Essa é uma questão muito ampla. Em relação aos autores angolanos e à sua projecção no sistema literário e editorial em Portugal, o interesse é político. Ou em relação aos escritores que definiram a angolanidade, ou em relação aos que estão na oposição e fazem a crítica ao estado e às dificuldades que o país atravessa, até porque a literatura angolana sempre foi interventiva.

*Qual a influência da literatura e cultura brasileiras em Angola, e já agora, qual o diálogo atlântico com as literaturas dos arquipélagos, Cabo Verde e S. Tomé, diálogo este que estava lá, com grande coesão, na geração da Casa dos Estudantes do Império?*

Luandino Vieira: Tudo isso se desvaneceu no tempo, por força de outras ligações geopolíticas. Ao tempo havia uma grande ligação entre os elementos, os movimentos e entre as elites todas do espaço de língua portuguesa. O Brasil tinha uma grande presença na literatura de Angola porque era dos poucos locais de onde podíamos receber alguma literatura, e recebíamos do Brasil. Agora Cabo Verde e S. Tomé... durante a luta de libertação estávamos todos juntos numa grande organização, a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas, depois cada um obteve a sua independência, cada um seguiu o seu caminho. Houve ainda uma tentativa de formar uma liga de escritores dos cinco países, mas cedo se compreendeu que seria uma liga meramente formal, institucional, que não tinha sentido. As literaturas destes países ainda estão em fase de diferenciação e de construção da sua própria identidade, do seu próprio *corpus* e é muito cedo para se construir, por um acto de vontade, uma associação como a que se ia fazer.

*Tem de ser algo mais espontâneo, não é, que não é controlado de cima?*

Luandino Vieira: O que está acontecer de espontâneo é que todos os escritores do espaço da língua portuguesa conversam, conhecem-se mais ou menos, lêem-se muito pouco uns aos outros, mesmo quando dizem que se lêem, não lêem, recebem os livros e guardam-nos (risos)... Mas, com as suas naturais identidades, que se percebem facilmente, já existe um *corpus* que se identifica no seu conjunto, como um corpo de língua portuguesa.

*Para terminar, já estamos longe do silêncio do pós 25 de Abril em relação a tudo o que se passou? Portugal já ouve África? Portugal já vive mais confortavelmente com o seu passado recente?*

Luandino Vieira: Bom, eu não vejo televisão e não terei muito conhecimento dessa questão, mas pelo que eu leio, e pelo que conheço, acho que o tempo fez essa aparente maior pacificação entre os dois passados que estiveram em luta. Digo isto por experiências como entrar com o cachecol da selecção de Angola num bar onde só havia cachecóis da selecção de Portugal, no dia do jogo Portugal-Angola. A dificuldade inicial do povo em geral em aceitar a minha diferente nacionalidade e o diferente cachecol. Mas acho que sim, 35, 36 anos depois já há uma atitude um pouco menos agressiva de ambas as partes, também porque ambas as partes encontraram uma plataforma para explorar os seus recursos comuns e terem em conta os seus interesses comuns. Estou a falar da relação económico-financeira entre Angola e Portugal, e não há nada melhor para pacificar essas questões super-estruturais, como se dizia antigamente, do que terem interesses económicos comuns, fica logo toda a gente toda amiga (risos) mesmo que na conversa venham continuamente ao de cima velhos preconceitos, inclusivamente raciais, mas...(sorriso).

*Muito obrigada Luandino. Foi um prazer conversar consigo.*

Entrevista realizada em Vila Nova de Cerveira, a 15 de Junho 2010